



O ANJO ESQUECIDO

Por que "O Anjo Esquecido"? Pensei em outro. "O Vestido Azul de Alice". Um outro, ambos, creio, tem um clima que parece agradá-lo. São destituídos de "ação" e tudo se passa numa irrealdade, em termos de coisas presentes. Você, poeta, sempre parece um pouco com essas coisas sem começo e fim, um pouco sempre acima do bem e do mal. A intenção foi a melhor possível e seus olhos de poeta, talvez, descobriram encantos não sonhados em Arthur, uma pessoa que poderia até ter existido, quem sabe? Ambos "O Anjo Esquecido" e "O Vestido Azul de Alice" foram publicados sob sua direção, já faz algum tempo. Gostaria de poder escrever uma história com sabor de Dorothy Parker e Katherine Mansfield. Quando o tempo permitir, saldarei essa dívida, com um presente ao seu bom gosto e sensibilidade. A quem, todos nós, que gostamos de escrever muito devemos. Pelo estímulo e oportunidade e por esse ar místico que o envolve, distante e etereo, como são os poetas. Quem pode defini-los? Você, somente você, talvez.

A meu lado está Neusa. Porventura pensará nele? Pelo menos neste momento? Contemplo-lhe o perfil; frio, como se talhado em mármore. Que impressão teria causado em Artur ao vê-la, pela primeira vez? Acho ainda demasiadamente bonita; terna demais, agora que essa inusitada ternura recebe os primeiros toques de uma serenidade quase irritante. Invejo este rosto calmo e tento em vão dar-lhe a expressão que teria ao receber um beijo de Artur.

Há de ter alguém mais indicado para contar-lhes a história de Artur. Ou algumas fases, daquilo que se passou então. Ele mesmo, quem sabe? personagem desta narrativa, extraída com penoso esforço de um passado não de todo longínquo. O passado de Artur se dele nos lembramos aí por volta dos seus dezoito anos; sentado à nossa mesa quando nos reuníamos após o jantar, para discutir trivialidades. Que não eram de todo assim tão simples ou menos interessantes do que seu rosto, ainda intocado pelo tempo. Fosse Artur dado a devaneios; gostasse desses desabaços, entre um café e um cigarro e teríamos uma descrição com sabor até literário.

Mas esta história é também nossa: minha e de Neusa. Chegará um dia e ele a contará, espero vista de outro ângulo. Através — de sua música. Dessa música que parece ser a sua única motivação. O fulcro de sua vivência. Aquilo que lhe é suficiente como um elo, para viver, unido ao mundo.

— Por que não toca alguma coisa?

Neusa volta-se para mim e seu olhar traí um pedido de desculpas. Há uma centelha de

enfado num gesto quase infantil tão ameno.

- Mozart?
- A escolha é sua.
- Ou Schumann talvez?
- Carnaval, está bem?

Nenhuma insegurança nos dedos que percorrem o teclado, enquanto as notas fluem, a melodia ganha vida e a pianista transporta-se para o mundo do compositor. Sinto bruscamente que a perco, no instante mesmo desta última frase tão pura em sua capacidade de enfiar-me. Levanto-me sem que Neusa o perceba e deixo a entregue à música. Procuo na estante um volume ontem iniciado. Abro-o com essa inquietante certeza de que o livro nada significa, pelo menos no momento.

Tentando dar-lhe um Artur vivo o que encontro dentro de memórias já esmaecidas? Entre lembranças dispersas, que vou colhendo do passado dos anos em que ele morou conosco, não sei bem, o que escolher de melhor. Condensar, em poucas linhas, um retrato psicológico do menino ao chegar; retocá-lo, com tintas finas de um quadro concluído, onde ele nos deixa já quase homem, é tarefa desconcertante. Vejo com que nitidez, desarrumando a mala com Neusa, ainda atônito, a perguntar coisas da cidade desconhecida. Onde tudo lhe era novidade e espanto. Falava, agora sim, com entusiasmo da beleza das praias que conhecia de fotografias e vira ao vivo — fascinado. Comparava-as com as do norte onde ia com o pai ao entardecer, esperar jangadas e comprar peixe. Perguntou se no Rio havia jangadas. Disse-lhe que infelizmente não.

— Um pequeno homenzinho — comentou Neusa com

simpatia.

— Agora tudo está bem, não acha?

— Espero que sim.

— Quando ele fizer amigos e os trouxer para cá, teremos barulho, vozes novas nesta casa. E isto é bom.

— Ele não me parece muito de amigos.

— Por que diz isso?

— Palpite apenas.

E chegam além nos primeiros acordes de uma melodia muito estranha ainda que familiar. Procuo lembrar-me — pois não é isso que ela insinua? — de Artur. Poderia abrir aquela gaveta; encontraria sua última carta. Mas há um momento em que tudo se apresenta inútil, qualquer gesto outorro tão importante ou revelador torna-se fútil. Uma carta de Artur, já tantas vezes lida vinda de tão longe o que significa enfim agora que Neusa provoca uma volta repentina a um passado tão presente?

Numa tela de Delacroix há um menino à frente de uns soldados, empunhando uma bandeira. O rosto dessa criança meio homem — dar-lhes-ia a expressão de Artur, quando veio morar conosco, após a morte do pai. Meu irmão, pouco deixara; uma biblioteca já um tanto desatualizada e algumas ações a pagar magros dividendos em companhias do Sul e uma conta bancária nada estimulante. Como advogado, pouco fizera. Ao morrer-lhe a esposa sentiu-se privado do estímulo que jamais lhe foi dado novamente. Acho que Artur não chegou a conhecer a mãe; pelo menos a ponto de lembrar-se dela. Era muito criança quando Anita suicidou-se. Ao casar o filho mais velho, Reinaldo, volta a escrever-me; nu-

ma de suas cartas mais íntimas, quando vim a conhecê-lo totalmente, falava-me do velho sonho: ver Artur pianista. No Rio o menino poderia estudar com mais possibilidades de sucesso. Não consegui de início que ele se interessasse pelo piano. Descobri-o numa noite de inverno, folheando uma partitura para violino. Fiz uma última investida.

— Por que não aproveita e tenta outra vez com sua tia que é pianista?

Os olhos verdes, miúdos tornam-se aflitos e a boca mostra aquela comissura tão comum, quando se encontra enervado. Aí estão, caía em profundo silêncio franziendo a testa larga e respondia com um gesto vago que nada ou tudo dizia.

Não foi fácil gostar dele a princípio. Neusa parecia concordar comigo.

— Você acha que fizemos bem em trazê-lo para cá?

— Ele parece tão constrangido. Tão formal. Está sempre distante.

— Puxou ao pai. Reinaldo era assim.

Quando Reinaldo morreu já não nos víamos há onze anos. Dele não tinha fotografias recentes. Não sei se envelhecera a ponto de perder uma simpatia irresistível. Nos últimos anos tornara-se amargo. Suas cartas outrora tão alegres, ganharam subitamente um tom quase depressivo. Mesmo de Paris, onde estivera em estudos durante um ano mostrara-se melancólico queixando-se muito de um inverno longo demais. Falava constantemente no filho. Via-o crescido e via também nele aquilo que não pudera ser — Reinaldo sempre fora um pianista medíocre. A presença de